

APONTAMENTOS SOBRE CIVILIZAÇÃO E VIOLÊNCIA EM NORBERT ELIAS

Tânia Regina Zimmermann

Pós - graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

RESUMO: Este artigo apresenta apontamentos em estudos realizados pelo sociólogo Norbert Elias a partir de alguns conceitos desenvolvidos por este autor. Civilização e violência são temas constantes e atuais para compreensão do movimento da história. Assim sendo, diferentes acepções e usos destes conceitos foram considerados pelo autor. Relacionam-se no artigo autores como Freud, Peter Gay e Alba Zaluar com Elias. Também é tema de estudo deste autor relações de poder e civilização. Para Elias, o poder é uma característica de todas as relações humanas e está ligado ao grau de dependência entre os indivíduos seja pela força, pela necessidade econômica, de cura, status, carreira ou por excitação. É destas relações que são construídos os controles civilizacionais e da violência.

PALAVRAS-CHAVE: civilização, violência, sociedade.

ABSTRACT: There are notes on studies by sociologist Norbert Elias from some concepts developed by the author. Civilization and violence are constant themes in current understanding of the movement to the history. So different meanings and uses of these concepts were considered by the author. Relate in this article authors such as Freud, Peter Gay and Alba Zaluar with Elias. It is also subject of this study author relations of power. For Elias, the power is a characteristic of all human relations and is linked to the degree of dependency between individuals is by force, by economic necessity, of healing, status, career or excitement. It is these relationships that are built controls civilization and violence.

KEYWORDS: Civilization, violence, society.

Norbert Elias nasceu em Breslau em 1897 e morreu em Amsterdã em 1990. Iniciou sua carreira de sociólogo em 1925 na Universidade de Heidelberg, Alemanha. Foi amigo, colaborador e assistente de Karl Manheim no departamento de Sociologia da Universidade de Frankfurt. Participou do debate conhecido como *methodenstreit* (disputas pelo método) no qual se tentava determinar quais métodos científicos seriam apropriados para o estudo

dos seres humanos e das sociedades. Neste período, Elias desenvolveu sínteses sociológicas sobre o processo civilizador, as formações e manifestações de violência. Pretendia com isso alargar nossa compreensão sobre as raízes sociais e psicológicas das relações humanas.

Em parte, os estudos de Norbert Elias consistem numa abordagem global dos seres humanos e não apenas de aspectos particulares de suas vidas como idéias, valores, normas, modos de produção, instintos, sentimentos e sublimações. Entendia que a sociedade não é independente e separada por mulheres e homens individuais que a constituem. Nesse sentido esboçarei alguns conceitos centrais como civilização, poder e violência a partir da obra de Elias e suas contribuições sociológicas para os estudos na história social e cultural.

Segundo Norbert Elias¹, civilização é um conceito que se liga a diferentes fatores: desenvolvimento das técnicas, costumes, conhecimentos científicos, idéias religiosas e visões de mundo. Esses fatores traziam à tona a imagem que o Ocidente nutria de si mesmo. Primeiramente, expressava o sentimento de superioridade das chamadas classes superiores sobre as consideradas inferiores e depois passou das nações ocidentais como um todo sobre as demais regiões no mundo com vistas à legitimação da colonização. Essas sociedades procuravam caracterizar-se pelas suas especificidades e com aquilo que lhes conferia orgulho (Stolz). Essas especificidades, tais como atitudes, sentimentos e modos de conduta, eram tidas como “naturais” (ELIAS, 1997: 13).

Ainda segundo Norbert Elias, civilização não significou o mesmo em diferentes nações. O uso desse conceito na Alemanha referia-se a algo útil, um valor de segunda importância que compreendia apenas a aparência externa dos indivíduos, ou seja, a “superfície da existência humana” (ELIAS, 1997: 90). Wilhelm von Humboldt definiu a civilização como “a humanização dos povos nos seus usos e costumes externos e em relação com a mentalidade”².

¹ ELIAS, Norbert. *Über den Prozeß der Zivilization. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen. Bd. 1: Wandlungen des Verhaltens in den weltlichen Oberschichten des Abendlandes*. 20 Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997, p. 89. Elias utiliza este conceito, no sentido teórico e social, como uma imposição de controles externos e especialmente internos em relação a manifestações emocionais, inclusive irrupções de violência destruidora. Veja-se também, do mesmo autor, *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997.

² RIDLEY, Hugh. “Annäherungen an den dynamischen Zeitgeist. Geographische Zeitschriften im Vormärz”. In: LAUSTER, Martina (Hrsg.). *Deutschland und der europäische Zeitgeist. Kosmopolitische Dimensionen in der Literatur des Vormärz*. Bielefeld : Aisthenis Verlag, 1994, p. 91. (...*die Vermenschlichung der Völker in ihren äußeren Einrichtungen und Gebräuchen und der darauf Bezug habenden inneren Gesinnung*). Tradução minha.

Para os franceses e ingleses, o conceito de civilização podia referir-se aos fatos políticos, sociais, econômicos, religiosos e morais. Enfim, a civilização representava “o orgulho pela importância de suas nações para o progresso do ocidente e da humanidade” (ELIAS, 1997: 90).

Na Alemanha, o termo civilização foi utilizado em segundo plano, dando lugar ao termo cultura (Kultur). Quanto ao conceito Kultur, na língua alemã o seu significado central era atribuído ao intelectual, ao artístico, aos fatos religiosos e demarcava fronteiras nítidas com os fatos políticos, econômicos e sociais. Este conceito referia-se ao produto das pessoas nas obras de arte, nos livros, nos sistemas filosóficos ou religiosos. Os termos *deutsche Kultur* e *la civilisation française* tinham características semelhantes quanto aos atributos imutáveis e eternos de uma nação. A diferença, apontada por Norbert Elias, é que o termo civilização para os franceses expressava nacionalismo e expansionismo, o que não estava presente no termo Kultur. No século XX, o termo Kultur passou a designar cultura nacional deixando para o segundo plano os valores humanistas e morais constituindo-se num símbolo de nós-imagem.³

Elias observou ainda que, de forma geral, o conceito de civilização amenizou as diferenças nacionais entre os povos ocidentais acentuando o que havia de comum entre eles, ou seja, a sua autoconsciência, cujas fronteiras e especificidade desde séculos não estavam nas discussões devido a um profundo arraigamento por parte destes povos (ELIAS, 1997: 92). Os indivíduos esqueceram o seu próprio processo de civilização e o viam como algo herdado. Conforme o autor, esse processo estaria concluído internamente nas sociedades ocidentais do século XVIII para o XIX, e os indivíduos se sentiam então como porta-vozes desse modelo de civilização. Os viajantes do século XIX perpassaram esta idéia, pois compreendiam a civilização como um movimento, cuja essência era ultrapassar as fronteiras da Europa impondo-se ao resto do mundo em nome de uma cultura mais perfeita e mais humana.

Para Elias, de todo esse processo civilizatório, ficou na consciência destes povos europeus uma extensa gama de valores, atitudes e gestos. E a consciência de sua própria superioridade, a consciência dessa civilização serviu a partir daí para algumas nações, que buscavam expandir a colonização além-Europa como um conceito, cujo uso justificaria os

³ ELIAS, Norbert. *Os Alemães...*, p. 129-130. Segundo o autor, as classes médias de países europeus durante o período de sua ascensão tinham sido orientadas para o futuro. *Uma vez elevadas à posição de classes dominantes, suas seções de liderança e suas elites intelectuais (...), trocaram o futuro pelo passado a fim de basear nesta sua imagem ideal delas próprias.(...) O cerne da 'nós-imagem' e do 'nós-ideal' delas foi formado por uma imagem de sua tradição e heranças nacionais.*

seus domínios. Essa consciência da superioridade européia teve então um grande impulso (ELIAS, 1997: 153).

O contexto alemão, quando comparado ao francês e inglês, não era afetado com a mesma intensidade pelas transformações advindas com a Revolução Industrial e com o capitalismo que buscava sua consolidação. Também outros fatores, como a unificação nacional (1871) e a democracia parlamentarista, ocorreram mais tardiamente, ao serem comparados com a França e a Inglaterra. Isso justificaria a especificidade do pensamento liberal alemão adaptado às condições históricas com influência de modelos do liberalismo clássico inglês e francês. Muitos dos representantes das idéias liberais acreditavam na “inevitabilidade do progresso e nos benefícios do avanço econômico e científico, juntamente com a crença nas virtudes de uma administração burocrática de ilustrado paternalismo e um senso de responsabilidade entre as hierarquias superiores” (LISBOA, 1997: 138).

Aos olhos dos liberais, o século XIX vem a ser o grande século do progresso (LE GOFF, 1990: 256). O progresso era importante para a classe média alemã, chamando a atenção para os avanços que já tinham sido realizados pela humanidade e indicando uma nova perspectiva para a história⁴. Na tentativa de expor o progresso, os liberais têm como pilar uma concepção de mundo que apresenta as seguintes características apontadas por Elias e também por Souza:

Controle da razão sobre emoções e pulsões irracionais, interiorização progressiva de todas as fontes de moralidade e significado e entronização concomitante das virtudes do autocontrole, auto-responsabilidade, vontade livre e descontextualizada e liberdade concebida com auto-remodelação em relação a fins heterogêneos (SOUZA, 2005, 57).

Esse processo demandaria na valorização da *ética do desempenho*, relacionada ao trabalho útil e disciplinado. A ética do desempenho é quem garante o reconhecimento social e civilizador, não somente na esfera econômica, mas, sobretudo, em outras dimensões da vida social e cultural. O poder legitimador de tal ética irá determinar o reconhecimento e a auto-estima, tanto na dimensão política como social das pessoas. (SOUZA, 2005: 57).

Porém, a classe média alemã formada principalmente pela chamada burguesia nascente, permanecia excluída dos círculos de poder dominados pela nobreza burocrática e militar. Os códigos dessa nobreza eram a honra, civilidade, boas maneiras, conveniência,

⁴ Segundo Norbert Elias, a classe média pretendia corrigir e contestar um tipo de escrita dominante, a história política centrada nos grandes feitos da nobreza aristocrática e militar. Era de grande importância para a posição e auto-imagem das elites de classe média que a tradição da escrita da história pretendida ficasse conhecida como história cultural (*Kulturgeschichte*). Veja-se *Os alemães...*, p. 121-22.

diplomacia e a violência era também usada de forma cavalheiresca, principalmente nos duelos. Segundo Norbert Elias, a exclusão da classe média de cargos governamentais levou-a a desenvolver um código próprio de comportamentos e de sentimentos: moralidade, ideais de igualdade e de humanidade. Conforme Elias, era um código “mais de virtude que de honra”⁵. *Esse discurso pode ser percebido em Wilhelm von Humboldt, o qual considerava que “nada é mais importante em um alto funcionário público do que estar voltado para todas as direções da humanidade”*.⁶

Sobre a honra cabe destacar que, no período medieval, a ausência de controle estatal sobre a justiça poderia levar a resolução de conflitos de maneira formal e diante de testemunhas. Cabia a ordem divina a aplicação da justiça e a responsabilidade do julgamento. Com a constituição do Estado Moderno, segundo Elias, este passou a monopolizar o controle da violência. Mas a própria justiça no exemplo alemão aceitava a idéia de uma decisão privada e violenta quando se tratava de questões de honra. O duelo também era entendido como a possibilidade de se lavar com sangue a honra, ou seja, a limpeza da honra não se faz senão com sangue. A honra podia ser representada tanto pela rigidez comportamental, pela riqueza, pela generosidade quanto pela violência. Para a aristocracia alemã essas manifestações tornaram-se símbolos de status social.

A burguesia alemã da segunda metade do século XVIII inseria as realizações culturais, tais como a filosofia, a literatura e a ciência, na mais alta escala de valores. O conceito de cultura, que, segundo Elias, era um símbolo de autoconsciência e auto-estima da classe média, tinha presente os códigos de moralidade e humanidade limitados aos círculos burgueses (ELIAS, 1997: 111).

O conceito de *Kultur*, ao ser adotado pela classe média no século XVIII, foi usado para expressar sua auto-imagem e seus ideais humanitários⁷. De Schiller a Goethe, diz Elias, percebe-se como a *intelligentsia* da classe média alemã conservava o seu amor-

⁵ ELIAS, Norbert. *Os alemães...*, p. 132-133. Este autor considerava como sendo pertencentes à classe média as pessoas que normalmente trabalhavam para ganhar a vida. Norbert Elias, em uma das teses desta obra, afirma que a classe média alemã fracassara ao tentar unificar a Alemanha. Essa unificação deu-se sob a liderança da nobreza militar, significando uma vitória desta sobre a classe média alemã. A burguesia, ao conquistar espaço político, gradualmente começava a adotar alguns códigos da nobreza: honra, civilidade, boas maneiras, conveniência e diplomacia.

⁶ RIDLEY, Hugh. “Annäherungen an den dynamischen Zeitgeist. Geographische Zeitschriften im Vormärz”. In: LAUSTER, Martina. *Deutschland und die europäische Zeitgeist. Kosmopolitische Dimensionen in der Literatur des Vormärz*. Bielefeld : Aisthesis Verlag, 1994, p. 91. (*Nichts ist also wichtig bei einem höheren Staatsbeamten, als welchen Begriff er eigentlich nach alle Richtungen hin von der Menschheit.*)

⁷ Idem, p. 119. Quanto ao estudo dos termos cultura e civilização, Elias reforça que estes conceitos, no século XVIII, referiam-se a processos e no século XX, passaram a representar algo quase estático. Este autor afirma ainda que nesta passagem se esqueceu que o termo cultura referia-se a um processo de *cultivação*, de transformação da natureza pelos homens.

próprio, sua integridade pessoal e o sentido do seu próprio valor, não se identificando inteiramente com o Estado. Priorizavam-se os valores humanistas em detrimento dos valores nacionais (ELIAS, 1997: 125).

Esses valores, códigos e comportamentos da classe média deveriam ser válidos para todos os tempos e lugares. Entretanto, a sociedade cortesã aristocrática desprezou em parte esse modelo burguês, mantendo o código de honra guerreiro, reforçando assim a desigualdade, a dominação e a subordinação (ELIAS, 1997: 112).

Ainda na perspectiva de comparação entre a Inglaterra e a França, Elias em uma avaliação positiva, menciona o papel desempenhado pela corte do rei na civilização da sociedade francesa. A poderosa classe de nobres guerreiros proprietários rurais ao tornarem-se dependentes do rei e perderem suas funções militares rumaram à pacificação daquela sociedade. O ciclo de violências na França do século XVII findava devido a uma série de vitórias, as quais eram demonstrativas do poder do rei. Já na Inglaterra houve um esforço de Henrique VIII para submeter os seus barões e no século XVIII a paridade com as classes proprietárias, aristocracia e a pequena nobreza levaram ao desenvolvimento de um regime parlamentar em resposta a um equilíbrio do poder do rei. Assim o ciclo de violência estava atenuado e o conflito estava propenso a ocorrer, sobretudo por formas não violentas, ou seja, através de regras estabelecidas.

Elias ao inter-relacionar civilização e violência em um processo de longa duração entende que as funções corporais e o controle de pulsões e emoções ajudam a entender a pacificação dos costumes em determinado período da história do ocidente. Certas emoções como nojo, pudor e vergonha estavam articuladas aos processos civilizadores e isto conduziu ao controle da violência, a diminuição do desejo de agressão. Estas mudanças estão articuladas com os processos de formação e a existência do monopólio do uso legítimo da violência física por parte dos Estados (ELIAS, 1992: 330). A violência foi confinada aos quartéis e aos membros das forças armadas, a polícia e, em casos mais específicos, permitida entre competidores esportivos.

Para Elias é possível estabelecer uma analogia entre a emergência e difusão do futebol e um sistema político em que se enraizaram os hábitos parlamentares na Inglaterra. As regras que se instituíram na inter-relação entre os grupos em conflito passaram a constituir um padrão de civilização horizontal (ELIAS, 1992).

Para o autor em questão, o desporto, violência e emoções trazem sobreposições significativas ao entrelaçar formas de conflito com formas de interdependência, de cooperação com a tentativa de estabelecimento do *nosso grupo* e do *outro* (outsiders)

através de emoções como o prazer e o sofrimento. (ELIAS,, 2002) ⁸ Nesse sentido, Elias estuda o controle individual e social da violência em um processo de longa duração.

Na obra *A Busca da Excitação*, o estudo centra-se no conjunto das pulsões e dos comportamentos violentos e sobre os dispositivos de controle sejam eles discursos, práticas normativas, poderes institucionalizados em maior ou menor medida e mecanismos de autocensura e autocontrole. Essa atenção às atitudes pulsionais pode ser relacionada à obra de Sigmund Freud *O Mal Estar da Civilização*. Para Freud, o processo civilizacional ocorreu à custa da sublimação da energia pulsional. A inclinação para a violência impediria a civilização. Segundo Freud:

Visa a unir entre si os membros da comunidade também de maneira libidinal e, para tanto, emprega todos os meios, favorece todos os caminhos pelos quais as identificações fortes possam ser estabelecidas entre os membros da comunidade e, na mais ampla escala, convoca a libido inibida em sua finalidade, de modo a fortalecer o vínculo comunal através das relações de amizade. Para que esses objetivos sejam realizados, faz-se inevitável uma restrição à vida sexual. Não conseguimos, porém, entender qual necessidade força a civilização a tomar esse caminho, necessidade que provoca o seu antagonismo à sexualidade. Deve haver algum fator de perturbação que ainda não descobrimos (FREUD, 1974: 43).

Elias amplia a complexidade da análise sobre a civilização no conjunto de suas obras. Cabe ressaltar que também difere da perspectiva de Peter Gay na obra *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: o coração desvelado*, pois este centra maior parte de seus estudos na introspecção da burguesia e de sua cultura. Para Gay, as atitudes civilizadas percorreram um longo caminho até se tornarem uma norma. No quarto capítulo “*Experiências burguesas: a arte de ouvir*” Gay traz exemplos da construção da devoção à música e aos seus compositores e executores a partir do silêncio. Com relação ao refinamento das maneiras nas classes respeitáveis Gay observa:

Os que podiam se afastavam gradualmente da expressão imediata de suas demandas emocionais para administrar e controlar a gratificação delas. Os semanários moralizantes do século XVIII se esforçavam por ensinar aos bons burgueses as bênçãos da bondade e tolerância no trato com seres inferiores como as mulheres, crianças e os pobres. Havia muitas pessoas de classe média tinham aprendido a comer com o garfo, em lugar dos dedos; agora na idade do iluminismo, eram instruídas a polir sua conduta e a adquirir certa finura nos meios da cultura mais elevada. (GAY, 1999:22)

⁸ Discussão muito próxima em ZALUAR, Alba. Para não Dizer que não falei de Samba: enigmas da violência no Brasil. In: NOVAIS, Fernando. *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. V. 4, São Paulo : Cia das Letras, 1998, p. 263-268.

Para Elias, o progresso é relativizado, pois o autocontrole e a conduta normalizada deslocam a tensão para o interior do indivíduo e o aumento do monopólio da violência pelo Estado.

O indivíduo é um emblema que adquire importância no século XIX e XX estando também presente nas contribuições de Simmel, Marschall, Freud, Weber e Elias. Este emblema simbolizado pelo indivíduo está relacionado ao ator social, a identidade, a vivência, ao cotidiano. Em Elias, configuração (*Figuration*) refere-se à teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si de diversos níveis e maneiras e que perpassam relações de poder. O autor atribui grande importância às redes de inter-relações, de interdependências recíprocas que fazem com que cada ação social individual dependa de toda uma série de outras operando com a noção de jogo social⁹. O poder é entendido como uma propriedade fundamental de qualquer configuração. Também afasta o conceito de poder de ser reificado ou de ser tratado como uma coisa que alguns possuem e outros estão totalmente destituídos dele. Para tanto postula um caráter polimorfo e multifacetado para poder. Para Elias, o poder é uma característica de todas as relações humanas e está ligado ao grau de dependência entre os indivíduos seja pela força, pela necessidade econômica, de cura, status, carreira ou simplesmente por excitação.¹⁰ Sobre *habitus*, Elias o aborda como um saber social incorporado. Neste conceito, o autor tenta superar a noção de caráter nacional dotado de fixidez preferindo um equilíbrio entre a continuidade e a mudança¹¹.

É nas discussões das pulsões que Elias tenta trilhar caminhos abertos por Freud. Elias tenta mostrar a relação entre a consequência da canalização das pulsões e os conflitos internos e o *habitus* daí resultante. A partir disso acreditava ser possível estudar fenômenos tão diferentes como a guerra, as emoções e o esporte. As escalas de análise variam a partir de estudos comparativos. A noção de processo civilizador se filia em parte no valor do progresso no sentido de evolução da humanidade e avanço no conhecimento da natureza, do indivíduo e da sociedade¹².

Tardiamente reconhecido na Europa e no Brasil seus estudos continuam contribuindo para além da sociologia como atesta Jorg Hackeschmidt¹³ em um artigo no

⁹ Na obra *A Sociedade dos Indivíduos* (Die Gesellschaft der Individuen) Elias analisa a complexidade da autoconsciência dos indivíduos em um processo de longa duração cuja capacidade de pensar o próprio pensamento e de se observar observando, depende do estado de desenvolvimento e da situação global da sociedade a que as pessoas pertencem. p. 89.

¹⁰ ELIAS, Norbert. *Was ist Sociologie?* 6. Auflage, Munchen : Juventa Verlag, 1991. p. 96-99. No capítulo IV: *Universalien der Menschlichen Gesellschaft* Elias apresenta o conceito de configuração.

¹¹ ELIAS, Norbert. *Os Alemães*. Prefácio à edição inglesa, p. 9.

¹² Nesse sentido há discussões no capítulo *Estátuas Pensantes* da obra de Elias: *A Sociedade dos Indivíduos*, publicada pela Editora Jorge Zahar em 1994 ou

¹³ HACKESCHMIDT, Jorg. Aussenseiter, Spitzenreiter. IN: *Die Tageszeitung*, 20 Januar, 1997, p. 16.

qual ressalta que Elias apontava questões relevantes nos anos de 1930 e que apenas após 1968 serão retomados. Entendo que este autor corroborou de forma decisiva com o diálogo entre sociologia, a antropologia e a história cultural, pois conceitos e processos por ele desenvolvidos como civilização e violência são temas constantes e atuais nas ciências humanas. Assim sendo diferentes acepções e usos destes conceitos foram considerados pelo autor bem como sua relação com o conceito de poder. Para o autor, o poder enquanto característica das relações humanas está ligado ao grau de dependência entre os indivíduos seja pela força, pela necessidade econômica, de cura, status, carreira ou por excitação. É destas relações que são construídos os controles civilizacionais e da violência. Neste sentido concluo que civilização e violência não são intrínsecas ao ser humano como se fossem expressões dos impulsos humanos mas, sim construídas historicamente.

Referências Bibliográficas

- ELIAS, Norbert. *Die Gesellschaft der Individuen*. Frankfurt (Main): Suhrkamp, 1996.
- ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1997, 431 p.
- ELIAS, Norbert. SCOTSON, John. *Etablierte und Aussenseiter*. Frankfurt am Main : Suhrkamp Verlag, 2002, 289 p.
- ELIAS, Norbert. *Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen. Bd. 1: Wandlungen des Verhaltens in den weltlichen Oberschichten des Abendlandes*. 20 Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997, 502 p.
- ELIAS, Norbert. *Was ist Sociologie?* 6. Auflage, Munchen : Juventa Verlag, 1991, 299 p.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da excitação*. Lisboa : Difel, 1992, 421 p.
- FREUD, S. *O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro : Imago, 1974.
- GAY, Peter. *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: o coração desvelado*. Trad.: Sérgio Bath. São Paulo : Cia das Letras, 1999, 488 p.
- HACKESCHMIDT, Jorg. Aussenseiter, Spitzenreiter. In: *Die Tageszeitung*, 20 Januar, 1997, p. 16.
- LE GOFF, Jacques. “Progresso/Reação”. Trad. Irene Ferreira. In: *História e Memória*. Campinas, Unicamp, 1990, pp. 254-276.
- LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius*. SP: FAPESP. 1997.
- RIDLEY, Hugh. “Annäherungen an den dynamischen Zeitgeist. Geographische Zeitschriften im Vormärz”. In: LAUSTER, Martina (Hrsg.). *Deutschland und der europäische Zeitgeist*.

Kosmopolitische Dimensionen in der Literatur des Vormärz. Bielefeld : Aisthenis Verlag, 1994, pp. 90-123.

SOUZA, Jessé. Raça ou Classe? Sobre a Desigualdade Brasileira. In: *Lua Nova*. Revista de Cultura e Política, São Paulo, v. 65, 2005, p. 43-70.

ZALUAR, Alba. “Para não Dizer que não falei de Samba: enigmas da violência no Brasil”. In: NOVAIS, Fernando. *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. V. 4, São Paulo : Companhia das Letras, 1998, pp. 263-268.

Recebido em: 12/04/2008

Aprovado em: 15/08/2008